

# ARGUMENTO



Distribuição  
Gratuita

boletim informativo  
**CINE CLUBE DE VISEU**

Largo da Misericórdia, 24 - 2º

Apartado 102  
3502 VISEU Codex

19  
DEZ/86

MENSAL

AVENÇA



## ARGUMENTO Nº19

Dezembro de 1986

Reprodução dos textos sujeita a autorização prévia do CCV.

# ÍNDICE

---

**1**  
**GENÉRICO**

**2**  
**CICLO DE CINEMA PORTUGUÊS:**  
**A MÃO FECHADA, DE DIOGO GONÇALVES; DO OUTRO LADO DO**  
**ESPELHO – ATLÂNTIDA, DE DANIEL DEL – NEGRO.**

**3**  
**O DÍPTICO DE FRANCIS COPOLLA:**  
**OS MARGINAIS; JUVENTUDE INQUIETA.**

**4**  
**OPINIÃO: AINDA O "CINEMA NA FEIRA"**  
Humberto Liz

**5**  
**OPINIÃO: NOVA YORK FORA DE HORAS**  
António Rocha

**6**  
**OPINIÃO: "A ILUSÃO DA DESILUSÃO"**  
Henrique Oliveira (Sócio 826)

# 1 **GENÉRICO**

Como este é o último Argumento de 86, vamos fazer um pequeno balanço da actividade do nosso Cine Clube. Este ano exibimos 44 longas-metragens para adultos e 13 para crianças. Como a maior parte destes filmes foi projectada em duas sessões, podem-se afirmar que podemos compartilhar uma centena de horas de bom cinema.

Se nos permitem a imodéstia, o "produto" que o CCV propõe aos sócios este mês de Dezembro é de primeira qualidade, fundamentalmente porque há tradições a manter. Encontrarão nas páginas deste Argumento pormenorização q.b. tanto acerca dos filmes a ver (Novíssimo Cinema Português, Francis Jovem Coppola e Paris, Texas), como acerca das exposições de Fotografia a inaugurar no dia 20.

Nestas páginas poderá reflectir com o Dr. António Rocha na obra-prima de M. Scorsese "Nova York Fora de Horas" recentemente exibido no Cinema S. Mateus. Ainda neste ARGUMENTO o sócio poderá desvendar uma parábola do Sr. Humberto Liz. Há ainda uma sempre útil chamada de atenção para a vida do nosso Cine Clube a propósito da Assembleia-geral do próximo dia 15 de Dezembro.

Para terminar, desejamos a todos os sócios do nosso Cine Clube e a todos os leitores de "A Voz das Beiras" um bom Natal e um ano de 1987 repleto de bons filmes.

## 2 - OPINIÃO **CINEMA NA FEIRA**

A resposta da Direcção do nosso Cine Clube ao meu comentário sobre "Cinema na Feira" fez-me recordar um episódio da minha vida, passado há já alguns anos.

Decorria o mês de Setembro, encontrava-se sozinho (a família estava de férias na praia), era Domingo de manhã e tinha acabado de fazer a barba. Tocaram à campainha do meu apartamento, fui abrir a porta para ver quem seria.

Apareceram duas "simpáticas mensageiras" das "testemunhas de Jeová" que me disseram pretender fazer uma "confissão".

Recusei, dizendo que tinha uma coisa mais importante a fazer: Tomar Banho. E fui mesmo.

E não digo mais nada.

© **Humberto Liz**

## 3 - OPINIÃO **NOVA YORK FORA DE HORAS**

Uma das mais pertinentes características do cinema de Martin Scorsese e, de uma maneira geral, do chamado cinema independente americano, é a sua aderência ao real quotidiano, aderência de tal maneira profunda e envolvente que nós podemos dizer, como o personagem de "O Meu Tio da América", de Alain Resnais, depois de

veremos um filme como "Nova York Fora de Horas", que "a América não existe, eu já lá estive".

É até curioso que, tendo revisto, em gravação vídeo, um filme de John Cassavetes bem mais antigo (de 1971), mas bastante semelhante a "After Hours", o célebre "Minnie and Moskowitz" (Tempo de Amar), juntamente com um dirigente do Cine Clube, este tenha comparado um bar ao ar livre que aparecia no filme com uma barraca de cachorros da Feira de S. Mateus. Tão reais como o já vivido são o bar-barraca de cachorros e aliás todo o filme, como se a América estivesse situada aqui, no ocidente da Europa, e o mundo fosse como já é, uma aldeia do cosmos.

Correndo o risco de o leitor me acusar de extrapolações indevidas, eu até me atrevo a etiquetar estes filmes de neo-realistas, não evidentemente com as conotações marxistas do cinema europeu do pós-guerra, pois se trata de um neo-realismo da pequena - burguesia, feito por cineastas politicamente liberais, tipicamente americanos. É bom de ver que estou a falar numa perspectiva predominantemente formal, estrutural e não num plano denotativo, semântico, que aliás, na minha óptica, não se adequa à crítica de cinema e, de uma maneira geral, à crítica de arte. É portanto de ponto de vista semiótico que considero os Scorseses, Cassavetes & Companhia como neo-realistas, pela importância que dão às ambiências e às pessoas (normalmente marginais e pequeno - burgueses) que dentro delas se movem e nelas desenrolam os pequenos actos inúteis de uma vida desencantada. E é assim que toda a iconosfera que nos rodeia, nós vêmo-la perpassar num écran quase especular. É que o écran, normalmente mágico, fábrica de sonhos ou de disparates, assume nestes filmes o estatuto da janela de André Bazin aberta para o mundo: para este mundo tão nosso conhecido das paredes das casas, da geometria das ruas, do interior e do exterior dos caixotes habitacionais e dos meios de transporte, das imagens publicitárias, dos letreiros, das luzes de néon.

E dentro dessa paisagem de asfalto e de betão, de receptáculos de prazer e de lixo, são os homens e as mulheres vulgares, o "taxi driver", a prostituta, o drogado, a empregada de bar, etc., que são os losers dos jogos cinzentos de uma existência ateleológica, em que os actos inter subjectivos mais nobres se fazem com a mesma indiferença com que se lava a cara ou se escovam os dentes ou se lê "como um escarro" uma obra maldita de Henry Miller.

Este cinema, que transforma sem dúvida o real mas que o restitui mais real que o real, não tem, como o cinema clássico de que é filho digamos bastardo, nem os heróis nem os lances épicos de um evenemencial em parada.

Tem apenas as pequenas odisséias de um Ulisses de lowbrow, os esgares e as caretas kitschs dos arremedos de palhaços de um circo suburbano.

Mais que o pop art, com a sua objecturação e feiticização das coisas do uso quotidiano (as garrafas de coca cola, as latas de comida, as imagens das stars, os comics), é esse cinema que é bem o retrato da nossa civilização de consumo e solidão, pois restitui-nos, à razão de 24 imagens por segundo, a angustiada sucessão da nossa vida a correr "after hours", mas bem dentro delas, na voragem implacável do tempo que, qual vanitas, nos conduz inexoravelmente, por entre fugazes luzeiros, ao cansaço, à velhice e à morte.

© António Rocha

#### 4 - OPINIÃO

### **"A ILUSÃO DA DESILUSÃO"**

Acabou Fassbinder. Curiosamente esperava-se maior polémica à volta da ousadia do Cine Clube de Viseu ao arrancar com o seu ciclo deste realizador. Num meio culturalmente pobre valha-nos ainda a benevolência, quando alguns daqueles que deveriam pugnar por uma evolução cultural, quando alguns mentores (por auto-classificação, claro!) da cultura têm pavor (ortodoxo - saudosista) de temas como a droga, a prostituição, a homossexualidade, estranha-se que não houvesse réplica por parte da cultura instalada, da cultura acomodada, da cultura de pantufas. Não esperávamos já que interrompessem a nossa atenção durante as sessões, tão-pouco que se movessem influências para provocar a suspensão do ciclo; Aguardávamos espectantemente que, pelo menos, houvesse manifestações de desagrado. Nada. Será sintoma de mudança? Ou antes uma inusual forma de "Laissez faire, laissez passer"? Temos para nós que este ciclo foi extraordinariamente interessante. O esforço, e ousar dizer, a coragem Direcção do Cine Clube em trazer em Viseu este realizador merece o nosso mérito e aplauso. Então, ilusão porquê? Bom, porquê, esperávamos que houvesse polémica, que se gerasse o debate no plano das ideias e isso não sucedeu. Estamos certos entretanto que houve um cuidado na escolha dos cartazes a afixar. Sim, porque de certo houve quem lá fosse "seraficamente" visar os ditos cujos, saboreando sempre o que via e o que "não via".

E desilusão porquê? Porque entendemos o debate como a melhor forma de se dialogar. A polémica é sempre útil quando lucidamente provocada e objectivamente debatida. Fomos enganados! Os brandos costumes ainda não entrosados na prática do burgo - acrescenta-se que a prática e a teoria são realidades diferentes - poderiam proporcionar luz e afinal, ficamos-nos pelos nossos pensamentos.

E perde assim a "cultura oficial e/ou oficiosa" a possibilidade de evoluir no melhor sentido o que vale por dizer, entendendo (mas já e em força) que o tempo das fábulas e lendas deu há muito lugar ao real do quotidiano. Foi pena, foi triste, mas foi, sobretudo, saboroso!

**© Henriques Oliveira (sócio 826)**